

FACULDADE DE LETRAS  
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

# CONIMBRIGA

*VOLUME II-III*



UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
1960-61

LUCIEN LERAT e YVES JEANNIN, *La céramique sigillée de Luxeuil. Annales Littéraires de l' Université de Besançon*, voi. 31 (Archéologie 9). Paris, 1960. 104 pp.. XXVII ests, 13 figs.

«La céramique sigillée de Luxeuil» é o primeiro estudo exclusivamente dedicado a este centro gálico sobre o qual reinavam até agora a maior confusão e muita ignorância. Os autores ocupam-se unicamente da cerâmica decorada moldada que numa busca sistemática em museus, colecções particulares e publicações antigas e modernas, puderam recolher e criteriosamente classificar como produtos de Luxeuil. O critério de identificação alicerça-se especialmente no estudo de dois moldes descobertos na segunda metade do século passado e que foram pela primeira vez estudados com certo pormenor por E. Folzer em 1913. Infelizmente esta autora embrenhou-se em conjecturas aliciantes, mas que se prova serem na sua maior parte insustentáveis, e em falsos paralelos que uma ilustração gráfica deficiente não deixou adivinhar a outros autores como Oswald e Pryce. Assim, as suas hipóteses tornaram-se clássicas na célebre obra destes especialistas, *Terra Sigillata*; os punções que se encontram no *Index of figure types* são baseados numa reprodução inexacta dos originais e no *Index of potter's stamps* encontramos que Ranto, autor do vaso 29 de Hedderheim produziu também um vaso 78 cujo fragmento foi achado em Mandure e que deve filiar-se entre os oleiros de Luxeuil. Em 1958 Stanfield e G. Simpson que viram justamente a diferença de estilo dos dois vasos deixaram-se levar à conclusão de que devem ter existido dois oleiros com o mesmo nome um em Luxeuil e o outro em Lezoux. A hipótese, porém, não tem o mínimo fundamento, pois o fragmento de Mandure é anepigrafo e o mesmo sucede com um molde encontrado no parque das Termas de Luxeuil cuja semelhança com aquele foi notada em 1881 por Vessier. Toda a confusão provém do facto de E. Folzer ter aceiteado esta semelhança e por sua vez ter aproximado o estilo do molde daquele que indubitavelmente foi produzido por Ranto, oleiro do centro de Martres de Veyre.

A partir dos dois moldes desenterrados em Luxeuil e a que os autores convencionaram chamar «molde Pâris» e «molde Descos», (em homenagem aos seus descobridores), estabelecem-se respectivamente um primeiro e um segundo períodos para a produção deste centro. O critério seguido foi o da observação da pasta e do «verniz» conjugada com a análise das formas, dos punções e dos estilos.

No primeiro período são distintos cinco grupos ligados por um tema comum — uma figura de Venus, de pé, olhando para a esquerda enquanto apanha o véu que a desnuda — mas possuindo, cada um deles, motivos originais e distintos estilos que levam Lerat e Jeannin a supor a existência de vários oleiros quase contemporâneos. Assinala-se uma nova marca: OMM à volta da qual se distribui o quarto grupo.

As técnicas são as da «terra sigilata» vermelha e da «terra sigillata» negra, esta última aplicada às formas pouco frequentes Drag. 64 a 68 que, exceptuando a forma 67, são criações de Lezoux que a elas destinava o emprego mais laborioso do «verniz» negro.

Quanto às restantes formas, encontrou-se: um vaso Knorr 77 vermelho e outro negro, fragmentos de uma «Olla» de forma 67 ou 68; um fragmento que parece estabelecer a transição da forma Drag. 29 para Drag. 37. A forma Drag. 30 é relativamente frequente e a Drag. 37 é, sem dúvida, a mais representada, constante nas suas características e não oferecendo nada de sensacional mesmo quando apresente duas asas.

A moldagem não é muito cuidada, sobretudo na «sigillata» vermelha; até quando os punções são os mesmos anteriormente usados por oleiros de Chémery, o aspecto geral é um pouco grosseiro e empastado.

Em linhas gerais, pode dizer-se que a decoração quando não é original é tributária das oficinas de Chémery (especialmente do chamado «potter of the rosette», cf. Stanfield-Simpson, *Central Gaulish potters*, p. 27 ou «le troisième potter», cf. Delort, *Vases ornés de la Moselle*, p. 187) de Lezoux (grupo Libertus-Butrio) e Martres de Veyre (Rantus). A datação, embora socorrida de alguns dados absolutos é posta em termos cautelosos e salienta-se inteligentemente que depende de futuras escavações que esclareçam a cronologia interna dos distintos grupos e a sucessão cronológica das oficinas do Centro e do Leste cujas relações são hoje evidentes.

Ao contrário do período anterior, relativamente rico em formas e técnicas, o 2.º grupo só oferece «sigillata» vermelha e uma única forma Drag. 37; além disso apresenta menos exemplares. Os punções são mais grosseiros e a técnica muito decadente. Parece ter havido uma completa interrupção de várias décadas entre os dois períodos; e as relações estabelecidas entre a produção de Luxeuil II e as oficinas de Trèves, La Madeleine e Lavoye, juntamente com o estudo minucioso de certos motivos decorativos e confirmadas pelas escavações de Mandeure, levam a situá-la em plena época antonina.

O estudo é apresentado numa forma esquemática, mas clara e inteligente, sendo além disso bem documentado. O leitor atento topará aqui e além com vários erros da numeração das figuras, com uma ou outra atribuição incorrecta, com pormenores de interpretação que talvez lhe pareçam discutíveis (nós apontamos os seguintes para que sejam reconsiderados: confrontar as figuras 44, Est. IV com a sua descrição na p. 26 onde toma o número 45; 55, Est. V, com a descrição nas pp. 27 e 77; 58 e 60 com a análise da p. 27), mas tudo isto é muito pouco importante no conjunto do livro.

É muito para louvar que os punções sejam desenhados e analisados separadamente, mas agrupados por temas tanto no texto como nas estampas. Os desenhos são francamente bons; os autores, desejosos de fornecer não apenas desenhos correctos «que permitam reconhecer os temas e os processos de composição dos decoradores de vasos, mas também apreciar o estilo das suas figuras», conseguiram-no plenamente sempre que recorreram à técnica do sombreado; não compreendemos por que não a estenderam a todos os motivos.

Menos feliz é a documentação fotográfica. Lerat, na sua introdução, declara-se muito satisfeito por terem adoptado tal processo — a fotografia de cópias dos originais vasados em gesso. Não podemos concordar com o princípio nem com os resultados. Só numa ou noutra fotografia o relevo é muito bom; na maior parte é sempre deficiente e a cor é sempre má. Mas o pior é o aspecto pobre e incaracterístico dos objectos: onde poderíamos ver fotografias de fragmentos autênticos,

denunciando a cor real, a textura e o brilho da cerâmica, aparece-nos muito simplesmente gesso.

Além destes inconvenientes, o método é dispendioso e privou assim os leitores de uma maior documentação, sempre desejável.

A. M. A.

ABBÉ JEAN ROCHE, *Le Gisement Mésolithique de Moita do Sebastião (Muge-Portugal)*. Lisboa, 1960. 181 pp.. 30 desenhos. 9 pp. de fotografuras em extra-texto.

, Os chamados concheiros de Muge foram uma das primeiras estações arqueológicas do nosso país a serem estudadas cientificamente. A esses primeiros trabalhos está ligado o nome de Carlos Ribeiro, que em 1863 aí efectuou prospecções e em 1880 realizou escavações sistemáticas, cujos resultados apresentou no Congresso Internacional de Antropologia e de Arqueologia Pré-históricas reunido nesse mesmo ano em Lisboa. Essas pesquisas incidiram sobre o Cabeço da Arruda e a Moita do Sebastião, locais onde em 1884 e 1885 Paula e Oliveira realizou novas explorações. Posteriormente, os concheiros de Muge foram objecto de mais algumas explorações, tendo até em 1931, no Congresso Internacional de Antropologia e de Arqueologia Pré-históricas reunido em Paris, apresentado Mendes Corrêa uma comunicação intitulada *Les Nouvelles Fouilles à Muge*.

E se a intensidade de exploração destas estações foi como se vê fraca, pouco intenso foi o estudo dos materiais encontrados, como se verifica pela circunstância de as peças líticas exumados no século passado só terem sido estudadas em 1947 pelo Abade Breuil e pelo sr. dr. Zbyszewski no Tomo XXVIII das *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*.

Decorridos alguns anos sobre esta última data, em 1952, o Rev.º Jean Roche, iniciou nova série de escavações na Moita do Sebastião, as quais se prolongaram até 1954. A descrição dessas pesquisas e o estudo dos elementos descobertos foram apresentados pelo autor durante o I Congresso Nacional de Arqueologia, reunido em Dezembro de 1958, quando da visita de estudo realizada a 20 desse mês a Muge. Essa notável conferência, que se realizou numa dependência do Palácio Cadaval e a visita feita seguidamente à Moita do Sebastião, constituíram, em nossa opinião, um dos aspectos científicos mais relevantes desse Congresso.

Publicou recentemente o «Instituto de Alta Cultura» este trabalho, num volume abundantemente ilustrado com desenhos, plantas e fotografuras, o qual veio confirmar pienamente a excelente impressão que nos ficara no espírito depois de termos estudado a exposição feita pelo autor.

Podemos considerar no trabalho três partes essenciais. A primeira de carácter introdutório (cap. I a III) situa e descreve a estação e história das explorações aí efectuadas nos períodos de 1880-85 e 1952-54. De notar, pois representa uma das reais